

SANTO DAIME E CANDOMBLÉ NA AMAZÔNIA ACREANA: CULTURAS RELIGIOSAS NO TRÂNSITO DE IDENTIDADES¹

Italva Miranda da Silva

Introdução

A escrita deste artigo tem como pressuposto abordar algumas das semelhanças apreendidas nos rituais que cercam o Santo Daime e o Candomblé na Amazônia acreana. Sua composição tem por base o diálogo entre a observação in lócus desses rituais realizados nos espaços de cultos das religiões em destaque e as análises de estudiosos como Zeca Ligiéro e Alex Polari de Alverga sobre a formação dessas culturas religiosas, embora estes façam abordagens em separada de cada religião. De qualquer forma, depreende-se que na base de seus fundamentos religiosos emergem identidades assimiladas, negadas ou hibridizadas nos interstícios dessas culturas. O texto gira em torno de dois principais aspectos: o feitio no Santo Daime e a feitura no Candomblé.

A partir de pesquisas em todo o território nacional, (Bastide, 1980, p.28), embora com uma visão relativamente limitada se comparada as novas perspectivas, fez uma espécie de mapa das religiões africanas no Brasil. De acordo com o mapa, todo o Norte do país, da Amazônia à fronteira com Pernambuco, as manifestações religiosas de origem africana foram marcadas pela influência indígena. Isso é ainda evidente na pajelança do Pará e outras regiões da Amazônia, no encantamento do Piauí e no Catimbó, sobretudo, em São Luís do Maranhão onde escravos originários do Daomé deixaram traços das suas religiões no tambor de mina.

Nos candomblés de Caboclos, fortemente praticado na região norte, verifica-se um caráter marcadamente *sincrético*, terminologia contestada hoje por muitos estudiosos da cultura, preferindo estes o termo hibridismo. Divergências à parte, o fato é que estes candomblés mesclam tradições ameríndias, africanas e kardecistas onde o mesmo princípio da possessão é essencial ao sistema de crenças e à lógica dos cultos. Os caboclos são espíritos de índios, negros ou mestiços que viveram “no mato” (Ligiéro, 1993 p. 45). Sobre a relação que se estabelece entre as religiões de origem africana e os cultos indígenas tem-se o seguinte relato da ekede Lúcia da casa de santo situada no Mutum, bairro da cidade de Rio Branco no Estado do Acre, em entrevista: “*Uma índia muito arredia e perversa batia nos outros, escondia as coisas, infernizava as crianças. Era alguém que precisava de luz.*”

De tanto apanhar, quando ela incorpora, vem bem mansinha, sua voz é doce e delicada, ou seja, ela “amansou”. O nome dela é cabocla brava.” (Entrevista em 20/04/08).

Esse relato é ilustrativo para mostrar que mesmo sendo praticante de candomblé, Lúcia afirma que no terreiro de sua mãe também se cultua os espíritos de caboclos e mais, a cabocla brava, juntamente com Zé Pelintra são as entidades que mais se apresentam naquele espaço. Serve ainda para confirmar a ideia de que as relações entre negros e índios na Amazônia foi mais intensa do que sugere a história oficial.

Ainda sobre esses candomblés (Ligiéro,1993 p. 45), faz o seguinte comentário:

O culto nesses candomblés é mais comum nos terreiros da linha Congo-Angola, onde se acredita que todo iniciado é acompanhado por um caboclo que cedo ou tarde se manifestará. Nesta cerimônia uma árvore conhecida como “árvore de Jurema” tem importância fundamental, já que é aos seus pés que o caboclo recebe as oferendas e será por fim, incorporado pelo médium. As festas de caboclos são bastante alegres: a entidade costuma cantar e dançar *sambas de caboclo*, além de comer e beber com os fiéis. Em seguida, fala aos que consultam, receitando remédios da flora medicinal para os males físicos e espirituais.

O entendimento da relação entre os transe da religião dos orixás e os cultos de caboclos impõe-nos a compreensão de que elementos da cultura negra em tempos diversos se misturaram a ritos indígenas, certamente a priori por meio da escravidão depois pelo contato entre índios e negros nordestinos no interior da floresta Amazônia na extração da seringa, mas independente da maneira como esses intercâmbios foram operados o fato é que culturas foram negociadas e ressignificadas também nessa parte do país. A convicção de que na Amazônia acreana os rituais religiosos permutaram-se levou Pai- Célio líder de um terreiro no bairro Tancredo Neves em Rio Branco, AC aos comentários que segue:

No Acre nenhuma manifestação religiosa é totalmente pura, principalmente aquelas ligadas aos cultos africanos. Tudo aqui é misturado. Primeiro que essas religiões tiveram que se adaptar por meio do sincretismo em todo lugar do Brasil, segundo, o candomblé prefere ambientes mais naturais, onde tenha muito verde. Aqui no meu terreiro, por exemplo, se não fosse a força da “cabocla” e sua experiência com a religião dos caboclos eu não teria vindo pra cá. Quando nois aqui do Acre vamos pra conferência lá fora os outros pais –de – santo ficam impressionados quando dizemos que aqui pai – de – santo incorpora orixá, mas incorpora também caboclo e exu. Você entende?Aqui nem que num queira os rituais se misturam. (Entrevista em 24/04/2009)

O debate que cerca a questão da produção de identidades passa por essa compreensão pontuada por pai - Célio. Compreensão de que os seres humanos são plurais,

instáveis, nômades por excelência, são também imprevisíveis a todo tempo fazendo novas escolhas de vida, descartando e recriando outras. São, portanto, resultado das várias dinâmicas culturais do mundo. Tal como foi colocado por pai – Célio logo acima, em Rio Branco os espaços de candomblé se misturam a outros credos, se recriam a partir de novos fundamentos incorporando elementos os mais diversos, ampliando o universo de suas crenças, fazendo sínteses (Glissant, 2005 p. 28).

A visita no terreiro de Mãe- Cláudia permitiu-nos a constatar como na prática, como num mesmo espaço ocorre a mistura de entidades, ritos e crenças da qual falava pai – Célio. Na Seara- oratório daquela que comanda o terreiro há um verdadeiro mosaico de cores, formas e tamanhos de imagens das diversas entidades e espíritos que compõe as crenças, dispostos segundo a hierarquia dos deuses e a preferência espiritual da dona da casa. Estão presentes as divindades da umbanda (pretos- velhos), do candomblé (orixás) e do catolicismo (São Jorge, por exemplo) e do Daime, como pode ser visto na imagem abaixo.



Foto: Arquivo Pessoal. Profª. Italva Miranda da Silva

O altar da Seara reúne as múltiplas divindades cultuadas na casa. Na parte mais alta aparece o sincretismo, em seguida os orixás e logo mais abaixo entidades da umbanda.



Foto: Arquivo Pessoal. Profª. Italva Miranda da Silva

Nessa imagem temos entidades do candomblé (Iansã – trajes vermelho) ao lado de quadro de São Jorge (católico) que fica próximo a figura de Cosme (umbanda) na parte superior da imagem, ligado aos espíritos dos erês, Na parte inferior do altar encontram-se a beberagem do Santo Daime e os pretos – velhos e espíritos dos caboclos. A imagem representa ainda a ligação que Mãe – Cláudia a matriarca da casa tem com o candomblé. Merece destaque a figura do orixá Iansã – deusa dos ventos e tempestades. Sua cor principal é o vermelho e representa ainda o ativo universo feminino. A seu lado, Oxóssi-orixá protetor dos animais. Na casa de Mãe – Cláudia é também possível constatar a força que o Santo Daime exerce sobre a comunidade desse terreiro, bem como a relação dessa religião com a de caboclo. Em destaque a *beberagem*² e o cipó – símbolos da religião fundada pelo mestre Irineu Serra.

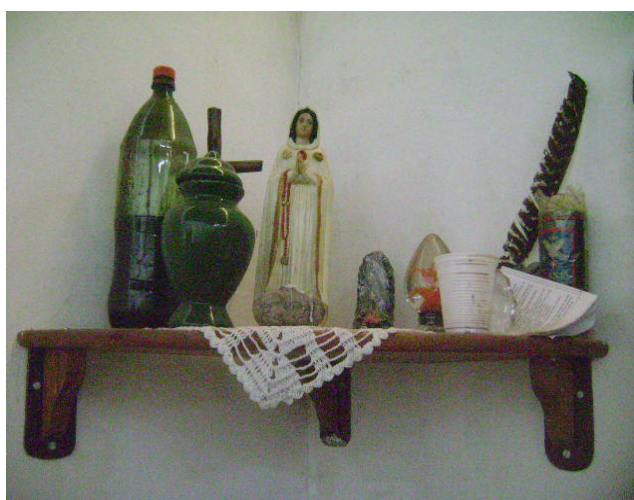


Foto: Arquivo Pessoal. Prof^ª. Itálva Miranda da Silva

As ilustrações acima ajudam a compreender um pouco da complexidade e também da força que as diversas culturas exercem umas sobre as outras e, principalmente, corrobora para o debate que se tem colocado nos últimos tempos sobre a construção das identidades.

SANTO DAIME E CANDOMBLÉ: SIMILARIDADE DE RITUAIS

Conforme destacado acima, serão analisados dois rituais presentes no Santo Daime e também no Candomblé, que ressaltado as diferenças próprias de cada rito religioso, apresentam na sua estrutura ritos preparatórios muito parecidos como poderá ser constatado mais à frente no texto. Lembrar que um número significativo de negros que passaram a habitar o território acreano veio do Maranhão parece relevante. Primeiro que o Estado constituiu-se no principal elo de ligação entre o norte e o nordeste para o deslocamento de negros, inicialmente motivado pelos conflitos entre jesuítas e colonos, pelas fugas objetivando a criação de quilombos e mais tarde pela extração da seringueira e segundo, foi do Maranhão que veio o fundador do Santo Daime e não apenas ele. Outras importantes figuras ligadas a religião também vieram de lá como os irmãos Costas e ainda Daniel fundador da União do Vegetal – vertente da religião ayahuasqueira.

Importante pontuar que esses negros e negras não vieram sozinhos, não produziram isoladamente essas crenças, nem tampouco elas foram imunes a influências de outros grupos sociais, também instalados nas florestas, barrancos de rios e seringais. De acordo com os estudiosos da doutrina do Santo Daime, o mestre Irineu, como mais tarde passou a ser chamado, conheceu a bebida ayahuasca através de curandeiros da região amazônica. Os imigrantes nordestinos que chegaram para serem soldados da borracha no fim do século XIX e início do século XX aprenderam com os nativos a utilizá-las com propósitos curativos, espirituais e, por vezes, lúdicos. Dentre estes, sem dúvida destaca-se o maranhense Raimundo Irineu Serra, que ao experimentar a ayahuasca com um curandeiro peruano teve uma série de visões com Nossa Senhora da Conceição, a Rainha da Floresta, que havia lhe dito, segundo relatos de praticantes para fundar uma nova religião.

Os hinos do Mestre Irineu, apresentam entidades cristãs, indígenas e africanas e outras associadas ao Santo Daime. A missão do Mestre Irineu seria então a de restaurar as

Santas Doutrinas ligadas a Jesus e a Nossa Senhora da Conceição, muito cultuada em todo Nordeste. Lembremos que estes costumes nordestinos e sua religiosidade ganharam na região Amazônica outros contornos. Eles tiveram que ser ressignificados dentro de um novo contexto, de um mundo estranho para os imigrantes nordestinos, fundadores da doutrina, que tiveram um olhar estrangeiro em relação à floresta.

Os elementos da religiosidade nordestina estão presentes no Santo Daime, sobretudo, na forma, na postura moral e na estética a forma dos rituais com festa, canto e dança em muitos aspectos se assemelhando a umbanda e o candomblé. Isto indica que, provavelmente, os membros do Santo Daime estavam profundamente ligados a uma religiosidade que não separava a festa e o sagrado.

Ainda sobre o Daime, a ayahuasca, deixa em estado de transe aqueles que a ingerem. Segundo contam, o mestre Irineu teria recebido a visita de Nossa Senhora da Conceição, também chamada então de Rainha da Floresta; que ordenou e ensinou-o a construir a doutrina do Santo Daime, o nome veio do verbo “dar”, de dai-me amor, dai-me luz, dai-me força, etc. Depois dessa visão, passou dias perdido na floresta, alimentando-se apenas da ayahuasca. A partir de então, no princípio da década de 30, começou a receber (espiritualmente) os ensinamentos cristãos e uma nova leitura dos evangelhos na forma de hinos. Os cânticos também fazem menção a elementos da natureza, como estrelas, o sol e a lua, e de outras religiões, como o candomblé e o espiritismo. No ritual a presença musical é muito forte, sempre são cantados alguns hinos religiosos, e para acompanhar são usados maracás, um instrumento indígena. Também são bastante usados outros instrumentos como violas, flautas e atabaques. Dessa mistura, saiu uma religião originalmente brasileira, oriunda da Floresta Amazônica.

Observa-se com isso que a herança africana somada aos ensinamentos de cura dos povos da floresta é um dado a considerar. Como precisa também ser melhor compreendida a relação que a religião do cipó, como vulgarmente é chamada com os cultos de umbanda e candomblé, bem como as religiões de caboclos. O transe momento chave para a comunicação entre os seres humanos e os espíritos verificados tanto no candomblé quanto na umbanda se aproximam daquele que ocorre no Daime.

Assim como no candomblé, os rituais daimistas são chamados de “trabalho”. Isto é, designam uma atividade física por vezes intensa e exaustiva do participante, quando este, seguindo o ritual, está “bailando”, tocando e cantando; como também uma atividade

psíquica absorvente e extenuante, mesmo quando este se encontra em postura de aparente relaxamento e repouso nas sessões de concentração. Assim, tanto os rituais do candomblé como aqueles praticados no Santo Daime demandam esforço, tempo, envolvimento e renúncia. Veja as imagens:

RITUAL DO FEITIO NO SANTO DAIME



Extraído do Guia da Floresta

O Feitio é uma cerimônia no Santo Daime carregada de grande simbolismo espiritual. O feitio corresponde inteiramente ao papel de principal ritual de iniciação, onde os conhecimentos são ministrados e recebidos segundo a entrega de cada um. As principais fases do trabalho são: localização do cipó e da folha na mata; limpeza das folhas, raspção e bateção do cipó, cozimentos e apuração final do Santo Daime (Alverga, 1992, p. 160).

Cada uma dessas etapas exige uma dedicação, atenção e força de vontade bastante acentuada, por se tratar simultaneamente de um intenso trabalho físico, mental e espiritual, onde a bebida sacramental é usada durante todo o tempo. Durante o feitio, as mulheres cuidam das folhas, enquanto os homens preparam o cipó. Do ponto de vista espiritual, o resultado do feitio, a bebida sacramental Daime, é considerada um sacramento, um veículo para a manifestação do Ser Divino responsável pela sua luz e efeito espiritual. Já do ponto de vista material, ela é um produto florestal, um chá enteogênico sacramental de propriedades psicoativas, produzida e distribuída sob responsabilidade da Igreja (Alverga 1992, p.160-61).

No salão da fornalha ficam apenas os responsáveis pelo cozimento e apuração do Daime. É uma fase de atenção e concentração total. Empunhando grandes tridentes de madeira, eles vigiam a fervura, instruem o fogueiro e executam diversas manobras com o bagaço fervente, impedindo que o líquido derrame, queime ou ultrapasse o ponto em que deve ser retirado da panela.

Os hinos como mencionado acima, ocupam um lugar de destaque na Doutrina do Santo Daime, ao lado da bebida sacramental. É através dos hinos que todos recebem a orientação necessária para navegar na força do Daime durante a sessão. Por uma estranha sincronicidade, eles parecem, à luz do Daime, corresponderem as mínimas necessidades durante a viagem astral da *miração*³ (Alverga, 1992, p. 181). Os hinos são recebidos durante o efeito da bebida sacramental. Eles chegam através dos aparelhos receptores, que podem ser qualquer um. Normalmente expressam uma vivência e aprendizado espiritual do trabalho ou traduzem e explicam visões carregadas de significado. O momento culminante do trabalho é quando dentro da força do sacramento, recebe-se e as visões, as quais denominam-se mirações. Na miração as pessoas não são meras expectadoras da visão, ao invés disso são protagonistas de uma ação que se passa num mundo real e ao mesmo tempo espiritual.

FEITURA NO CANDOMBLÉ



Origem da foto: Wikipédia, a enciclopédia livre

Feitura de santo é um termo usado nos terreiros de candomblé, que significa a iniciação de alguém no culto aos orixás. No Candomblé as cerimônias do feitio são

precedidas de uma série de ritos propiciatórios que envolvem sacrifícios de animais, preparo de carnes para o posterior banquete comunitário, elaboração das comidas oferecidas aos orixás que estão sendo celebrados, cuidados com os membros da comunidade que estão recolhidos para o cumprimento de obrigações iniciáticas, preparação da festa pública e finalmente a realização da festa propriamente dita, ou seja, o chamado toque um dentre os mais importantes ritos de passagem da religião. Segundo (Prandi, 2005, p.24) preparar essa cerimônia inclui:

cuidar das roupas, algumas costuradas especialmente para a ocasião, que devem ser lavadas, engomadas e passadas a ferro (é sempre uma enormidade de roupas para engomar e passar), por ordem os adereços devem ser limpos e polidos, preparar as comidas que serão servidas a todos os presentes, providenciar as bebidas e decorar o barracão de acordo com as exigências dos orixás. Num terreiro de candomblé praticamente todos os membros participam dos preparativos. Todos comem no terreiro, se banham e se vestem e muitas vezes até dormem no terreiro. A chegada de dignitários de outros terreiros, com seus séquitos obrigam a homenagens adicionais, somadas aquelas oferecidas aos orixás.

O trecho: *“todos comem no terreiro, se banham e se vestem e muitas vezes até dormem no terreiro”*, traduz a vida no terreiro, um espaço onde se realiza múltiplas e formidáveis trocas de experiências, onde acontece inúmeros exemplos de sociabilidades (solidariedade, coletividade, hierarquias, respeito), mostrando que, apesar das divergências entre os diversos membros do candomblé, há momentos de respeito, entrega, reconhecimento de feitos relevantes de determinados membro da comunidade frente aos projetos sociais e aos compromissos com a família – de – santo. A feitura é acima de tudo um momento simbólico, um rito de passagem que marca o “nascimento” de um novo integrante da casa –de- santo, por fim, um momento de consagração da comunidade de candomblé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto acima, depreende-se que, tanto no evento do feitio ocorrido no Daime como a feitura no candomblé, a participação da comunidade é fundamental. Há nesses momentos a necessidade de um grande numero de pessoas envolvidas. No Daime o preparo da bebida, a organização do espaço, a preparação das comidas, das roupas e outras tarefas demandam um trabalho estritamente comunitário. No candomblé a feitura de santo segue um rito muito parecido, uma vez que o preparo das comidas oferecidas aos orixás

que estão sendo celebrados, os cuidados com os membros da comunidade que estão recolhidos para o cumprimento de obrigações iniciáticas, a ornamentação do terreiro, os ensaios com uso dos instrumentos musicais dentre outros.

Nas duas religiosidades, o uso do termo trabalhos é usual e uma das formas de desenvolvimento desses trabalhos acontece por meio do transe místico, que no culto do Santo Daime ocorre através da “alteração do estado de consciência” induzido pela ingestão do chá Daime que é feito a partir do cipó mariri (*Banisteriopsis caapi*) e folhas da erva chacrona (*Psychotria viridis*), originárias da Amazônia. Também como no candomblé, o elemento da possessão ou incorporação segue um curso muito parecido. Os dois sistemas se organizam também com base na musicalidade. No Santo Daime temos os hinários (bailado), concentração e feitio do Daime. No Candomblé as batidas de tambores e atabaques que juntadas as coreografias produzem um belíssimo cenário com cores, ritos e gingado próprio. Esses aspectos confirmam que esses sistemas religiosos não são fechados, que informações e saberes circulam independente da intensidade e isso fica evidente aqui na Amazônia, onde a sabedoria indígena, a tradição africana, os ritos cristãos e provavelmente outros valores e ensinamentos acabaram por interagirem formando novas expressões de espiritualidade. Assim, muitos aspectos no interior desses sistemas religiosos que se repetem, mesmo que em ambientes diferentes e dirigidos por sujeitos sociais os mais diversos existem uma lógica que permeia de forma muito particular tais religiões

NOTAS

¹ O artigo apresentado consiste numa análise do III Capítulo da Dissertação de Mestrado: TERREIROS DE CANDOMBLÉ NA AMAZÔNIA ACREANA: Lutas e solidariedades na construção de territórios e identidades, defendida em 2009.

² Beberagem – é uma bebida feita com folhas do cipó "Banisteriopsis Caapi", (Cipó Banisterina Caapi) rico no alcalóide "Harmina" misturado com as folhas da planta conhecida como Folha Rainha "Psicótria Vinilis". Entre os Incas a bebida era chamada de Hoasca, que é uma palavra que significa, "Vinho dos Deuses", "Vinho dos Espíritos". Entre os Índios brasileiros ela é conhecida como Caapi. Alguns índios conhecem a bebida com os nomes, Purgativo, Cipó, Hoasca. www.sobrenatural.org/material/..santo_daime

³ <http://www.santodaime.org/doutrina/miracao>. O momento culminante do “trabalho” no Santo Daime. Durante esse tempo sagrado da miração estão abertas as portas para muitas direções espirituais. O canal com o Eu Superior se torna mais nítido. Pode-se dialogar com ele e também receber muitas instruções úteis sobre aspectos práticos da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro:

ALVERGA, Alex Polari de. O guia da floresta. Rio de Janeiro: Record, 1992.

BASTIDE, Roger. A consciência fragmentada. Ensaios da cultura popular e religião. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GLISSANT, Edouard. Introdução a uma poética da diversidade. 5. Ed. Juiz de Fora: JF Editora, 2005.

LIGIÈRO, José Luiz. Iniciação ao candomblé. Rio de Janeiro: Record, 1993.

PRANDI, Reginaldo. Segredos Guardados – orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALLES, Vicente. O negro no Pará sob o regime da escravidão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

Dissertação:

SILVA, Italva Miranda da. Terreiros de Candomblé na Amazônia acreana: lutas e solidariedades na construção de territórios e identidades. Dissertação (Mestrado em Letras) UFAC, Rio Branco-AC, 2009.